Pesquisa com Kidoguru na Aldeia Meruri

Lauro Lopes Leandro Parikoe (Diversitas/Usp) – parikoekureu@gmail.com
GT 4: EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

Resumo:
O presente relato de experiência retrata o contexto em que as aulas na Aldeia *Meruri* se sucederam, seu o desenvolvimento, e também com apontamentos de pontos positivos e negativos. Após reflexões foi se convergindo para uma educação mais característica *boe*, deixando de lado o apostilamento, que estava sendo um amontoado de material e conteúdo, se significância ao alunado. Concomitantemente, fomos trabalhar com o tema contextual *kidoguru*, significa resina, popular breuzinho. Este material é essencial a nossa cultura, e tem sua origem através do *Bakaru*, história sagrada, e tem multiuso material e espiritual. Para tal empreitada foi investida mais de uma ida a campo e pesquisa. Foi dado a aula com a narrativa do Bakaru, a pesquisa do *kidoguru*, e por fim um grupo de alunos puderam ver e marcar em sua memória corporal.

Palavras-chave: *Kidoguru*. Bakaru. Plano de aula. Contexto.

1 Introdução

O ano Letivo de 2021 iniciou cheio de expectativas, diferente dos primeiros dias letivos de 2020 que chegou parecendo que estarmos entrando em uma tempestade, daí perdemos todos os sentidos, já em 2021 tivemos os encontros da semana pedagógica, e foi apresentado os plantões pedagógicos, atendimento de 5 alunos em cada sala e assim iniciaram as aulas, mas foi muito rápido, porque logo veio a portaria de suspensão destes plantões pedagógicos. Restando ensino online aos alunos que têm condições de conexão e apostilas a quem não tem conexão à internet.

Mas logo emergiu dúvidas, somente aulas via conexão de internet ou apostilas, supririam as demandas de aprendizagens dos alunos? Com isto veio a nossa mente, as práticas educativas *Boe*, aprender no fazer, com alguém ali do lado. O que com as apostilas não seria a mesma coisa, pois em casa têm os pais e os responsáveis que poderiam auxiliar, mas não seria o mesmo que um professor a acompanhar, pois tem todo um processo que se deve passar para se adquirir o aprendizado.

Com todo este cenário, iniciemos um investimento em fazer um atendimento domiciliar, diferentemente do que entregar apostilas e aguardar o retorno. Retorno este que se encontra o ponto chave, para que se tenha um retorno sucedido seria as apostilas

desenvolvidas, diante de tal iniciamos encontros domiciliares de entrega e de tirar dúvidas.

Primeiro iniciamos na rua de trás da escola, mas não completamos a aldeia inteira, daí deixamos para passar em outro dia e assim completar a entrega, mas no ato da entrega foi instruído como deveria resolver a apostila e que passaríamos depois para fazer esclarecimentos, caso não houvesse compreensão. Escolhemos o período vespertino, por causa de que se fosse de manhã, provavelmente não seria um horário apropriado.

Após a primeira passagem ficaram algumas impressões, primeiro de que no início tentamos atender a todos de uma só vez, mas com o feedback, percebemos que os atendimentos domiciliares não seriam eficazes dessa forma, ficando a opção de atender por anos, ou seja, por séries, daí ficaria um dia específico para cada série. Com isto detectamos uma nova demanda, havia alunos que devolvia com certa agilidade outros tinham dificuldades. Logo descobrimos um grupo de que precisava de mais atenção, e só o atendimento domiciliar não supriria tal demanda, então agilizamos com o cacique José Mário *Kugarubo Bororo* que atual é presidente do conselho escolar, na condição de cacique liberar o *bai mana gejewu*, popular *baito*, estes dois termos querem dizer, a casa central da aldeia, para que pudéssemos fazer este atendimento específico, tudo com maior cuidado, sem deixar levar pela pressa. Mas neste curto período recebemos da Assessoria, no dia em que a própria veio na Aldeia trazer parte de kit alimentação escolar, um aval de que poderia com todo cuidado e atenção, fazer um atendimento em formato do plantão pedagógico. Com isto a gente viu que atenuou consideravelmente a demanda de fazer aquele atendimento além do domiciliar.

Ficou de experiência para nós que as apostilas, não foram muito exitosas nas casas dos alunos, mas apostilas com atendimentos domiciliares, de certa forma ficou um pouco melhor e o que costurou a demanda foi o plantão pedagógico. Mesmo sabendo que os processos educativos *Boe* são diferentemente do *baraedo* (não índio), é necessário, ouvir, olhar, fazer e pensar. Só apostilas não atendem este ciclo.

2 Primeira ida ao *Kidoguru*

Em um dia de domingo, fomos à morada da sogra do Ivanir Matias, na chegada fiquemos um pouco que perdido, mas foi nos dados algumas orientações, como acerca da fragrância do *kidoguru*, que é muito perceptível, olhemos e olhemos, o professor Matias sinalizou de que havia um pé, pois tinha um riscado e tinha um material meio que parecido

com parafina e com textura de areia, vai desfazendo quando faz a fricção do material. Foi nítido a fragrância, mas foi logo levantado a hipótese de qual poderia ser verdadeiro ou falso, pelo informado ambos ficam perto um do outro, daí fomos procurando mais árvores. Novamente o professor Matias fez uma nova investida, e julgamos ser certo e verdadeiro. Em seguida fizemos os registros com fotografias de folhas, da árvore e do risco aonde havia desferido a árvore. No regresso, passamos em dois lugares, dos quais os nossos alunos desconhecem, ou talvez não saibam o contexto, trata-se de Barra do *Jerigiga* e da entrada do *Bokeirão*. Na parte da tarde o professor Adriano, em contato fez a gente ir na cachoeirinha, com o professor Mariel a procura de que havia sido levantado um dado que lá tinha um pé, informado via o professor Gérson, chegando lá o professor Mariel identificou um pé novo. Adriano ao ir tomar água ao desferir o pé suposto foi quase que confirmado, porém neste meio tempo o casal Marciano e Mara, passaram e confirmaram os dados que havíamos recebido, uma confirmação meio que apertada.

Daí podemos associar que na cultura *boe*, o processo educativo do menino ocorria com o padrinho, e das meninas com as parentas do sexo feminino, e os anciãos ao envelhecerem se tem um dom, e não conseguem executar tarefas que exigem considerável esforço físico, começam a negociar pelo *mori* algum benefício em troca de um dos seus saberes. Neste caso, percebemos que haveria de ter *mori*, para que a transmissão ocorresse em fluxo normal. Mori quer dizer reciprocidade, se alguém faz um bem para mim, automaticamente já devo este bem, geralmente de uma metade *Ecerae* para a outra metade *Tugarege*. Por fim demos uma olhada na mata adentro e cortemos um galho do qual foi levado para o professor Gérson, haja visto que ele havia repassado tal dado. Ao conversar com ele, nos confirmou e falou que o falso se tratava de *kidoguru tumana*, antes o professor Adriano havia dito que o *kidoguru* falso chamava *kidogururеu* (aquele que parece com *kidoguru*), aprendemos dois nomes. Ainda o professor Gérson disse que a gente manuseia remédio somente de manhã até ao meio dia, pois tem risco de ser *ro pegare boe*, um remédio tirado após este horário ele pode tornar veneno. Em seguida fomos atrás do senhor Benjamin para fazer as considerações, o vimos fora de casa, e no momento ele disse não ser, mas poderia estar equivocado, na ocasião, dona Ana Lúcia disse que tem no *Marido*, e quem tira só quem não vai ter mais filhos, é um remédio forte. O professor Adriano havia pontuado de que este *kidoguru* os *baraedoge* usam para estudar, usam como incenso, pois tem poder de estimular a capacidade intelectual. Por fim fomos deixados cada um em lugar desejado.

Segunda ida ao *Kidoguru*

Na presente data de 14 do mês de agosto de 2021, professores Mariel, Adriano e Lauro foram no carro do Fleury até a Aldeia *Akiri Iguru*, do qual o cacique é o Valmir *Koenau*. Após inúmeras tentativas de agenda para esta viagem na presente data conseguimos concretizar este plano que vem nos acompanhando desde o primeiro semestre, do qual coloquemos o *Bakaru* de origem como um tema contextual, para ser trabalhado em várias disciplinas das quais fomos atribuídos no corrente ano letivo de 2021. Na chegada fomos recepcionados pelos *arigao* (cachorro), em seguida sentamos a mesa para tomar *pobo coreu* (café), oferecidos pelo Valmir e família. Em seguida comecemos a puxar assunto referente ao *kidoguru* (breuzinho) desde o *Bakaru* até as idas a campos em outros lugares fazendo reconhecimento do *kidoguru*, descobrindo outras características muito importantes, que vai além do aspecto biológico, físico passando ao transcendente.

Durante o café ele falou os pés que são *kidogururеu* e o próprio *kidoguru*. Em seguida fomos aos pés de cada *kidoguru*, na primeira notamos que ao eles fixarem um prego ou grampo no tronco do *kidoguru*, de forma a fincar um arame de estender roupas para secar, começou a minar o *kidoguru*, neste momento lembramos da esposa do Valmir *Koenau* a dona Roseli *Tubore* que falou se rapar não sai o *kidoguru*, então a gente deduz que teria que fincar para extrair o *kidoguru*. Fomos a outro pé o notamos uma abelha, do qual não registramos, mas após a chegada nossa em *Meruri*, o Mariel em conversa com a Leonida *Akiri Kurireudo*, ela disse que tem vez que tem uma abelha que fica neste pé de *kidoguru* e cujo nome é *kidogure*, o Mariel filmou o pé de *kidoguru* e realmente tinha uma abelha, e para concluir a Leonida disse que bororo tira o mel desta abelha e o mel tem como característica o cheiro de *kidoguru*.

No momento de olhar os pés de *kidoguru*, Mariel ressaltou que nos outros lugares que passamos este pé de *kidoguru* estava bem perto da água, e estes da Aldeia *Akiri Iguru* estão muito longe da água, com isto a gente deduz que talvez aquele lugar tenha muito água no subterrâneo, seria fácil abrir poço artesiano, assim eu pensei. Continuando a conversa, durante o café o Adriano mencionou que tem ainda outra característica um é macho e outro é fêmea, com isto na cabeça, o Mariel perguntou se tem semente, daí o Valmir disse que tinha semente, e uma diferença entre os dois pés é que o falso *kidogururеu* ou *kidoguru umana*, ele tem semente e dá frutos, frutos vermelhos, já o *kidoguru remawu* (verdadeiro) só dá sementes e não fruto, daí a gente pode raciocinar um

ser macho não dá filhos, já uma fêmea dá filhos, com isto lembramos do *Bakaru* de origem que fala de que sempre tem um perto do outro, aí aqui se concretiza.

Prosseguindo a fala, o Mariel falou para a gente reparar o ambiente ou habitat aonde se tem o *kidoguru*, e fazermos uma busca futura aonde se tem um ambiente similar a este de cerrado, supostamente teria *kidoguru* também, na hora eu pensei em mané parente, local próximo ao *Roko Eiao*. Para concluir, falando com o Mariel, fez um mapa geográfico mental, porque no ambiente em que eles moram é um lugar bem protegido falando no ponto de vista de *Aroe* (espírito), tem os pés de *kidoguru* do qual o seu broto retirado e queimado espanta maus espíritos, tem uma palhinha de *apido*, palhinha esta que queimada espanta maus espíritos e polvrinhas. Por fim agradecemos a todos apertando as mãos dos habitantes masculinos, e tivemos como despedidas latidos e acompanhamento do carro com *arigao*. Todo momento é um processo educativo em que aprendemos através de uma metodologia ou pedagogia particular do nosso povo *Boe*.

Considerações finais

O presente relato de experiência trata da experiência de pesquisa com o *kidoguru*, material este de muita importância material e imaterial. Com a experiência das aulas em apostilas, depois a atendimento domiciliar, quis trazer a importância do fazer para saber, quando se prende no papel, o saber fica sem vida e sem significância ao aluno. A aula prática com esta pesquisa tem mais significado. É muito relevante a educação a partir do corpo.

Referências

Maria Pedrosa Urugureudo
Gérson Mário Enogureu
Ana Lúcia Rondon
Valmir Koenau
Roseli Maria
Leonida Maria Akiri Kurireudo
Mariel Mariscot Bento Kujiboekureu
Adriano Boro Makuda

ADUGOENAU, Félix Rondon. **Saberes e fazeres autóctones Bororo: contribuições para a educação escolar intercultural indígena**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2015.

GRANDO, Beleni Saléte. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.